

LITERATURA AFRODESCENDENTE: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE MARIA FIRMINO DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Robson Lacerda Dutra¹
Vanessa Figueiredo²

RESUMO: Baseados em *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, o primeiro romance abolicionista no Brasil, consideraremos a produção literária de gênero, comparando as transformações e permanências sentidas em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo na literatura e na história do Brasil. Como ponto de chegada, pretendemos observar como a literatura e as artes em geral, têm auxiliado numa nova versão da história a partir das minorias.

Palavras-Chaves: Literatura. História. Maria Firmino dos Reis. Conceição Evaristo. Gênero.

Afrodescendant literature: a proposal for dialogue between Maria Firmino dos Reis e Conceição Evaristo

ABSTRACT: Based on *Úrsula* (1859), by Maria Firmino dos Reis, the first romantic and abolitionist novel in Brazil, we consider gender literary production, comparing transformations and permanencies with Conceição Evaristo's *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) along literature and Brazilian history. As an ending point we intend to observe how literature and arts, in general, have helped a new vision of a new history told by minorities.

Key Words: Literature. History. Maria Firmino dos Reis. Conceição Evaristo. Gender.

Ao longo dos séculos a literatura tem se tornado grande aliada no processo de reversão e transformação do contexto social brasileiro em favor, sobretudo, das minorias historicamente cerceadas. Assim, nesse artigo, pretendemos suscitar um diálogo possível entre obras literárias dos séculos XIX e XXI, mais especificamente entre Maria Firmino dos Reis e Conceição Evaristo, destacando o discurso ideológico veiculado em algumas de suas obras a partir da voz das minorias, a começar pela própria autoria.

Para tanto, partimos da concepção de Jean Paul Sartre (2004) de que a literatura exerce uma função social por colocar a palavra a serviço de uma ideologia social ao longo da

¹ Doutor em Literaturas Africanas. Professor Adjunto Doutor do Mestrado Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO. Duque de Caxias, RJ, Brasil. robson.dutra@oi.com.br

² Mestranda em Letras e Ciências Humanas ó UNIGRANRIO. vanessafsouza@yahoo.com.br

história oficial, representando a sociedade através da linguagem, com a produção de um sentido específico. Essa ideologia e o sentido produzido pelas palavras traduzem o que Walter Benjamin (2004) entende como *discursão*, ou seja, uma linguagem influenciada por fatores externos (formação e características socioculturais do escritor, o contexto, etc.) e internos (elementos textuais) ao ato de escrever. O contexto ajuda no desvendamento da obra pelo leitor e faz do ato de escrever uma arte atemporal no movimento da leitura em que os indivíduos acabam por comungar das mesmas percepções a partir das lembranças e da memória.

A produção literária dessas escritoras parte de um princípio de irreverência e insubmissão presente na própria autoria, visto que, mesmo em épocas distintas, há uma aura silenciamento que ainda a circunda. Para elas, a letra representa uma arma contra a desigualdade e a opressão que fazem do ato de escrever uma busca pela liberdade de falar para *o outro* e a consequente possibilidade de serem ouvidas. Tal se dá porque, como enuncia Sartre, *o meio é de fato determinante: o meio produz o escritor; é por isso que não acredito nele.* (Sartre, 2004, p. 60).

Sendo assim, a primeira obra a ser considerada é *Úrsula* (1859), romance de autoria de Maria Firmino dos Reis, que apresenta ao leitor o ambiente social e histórico brasileiro do século XIX, cuja temática problematiza questões de gênero, raça, escravidão, etc., numa proposta de recuperação do patrimônio literário do país e de superação do ponto de vista usual sobre a representação dos negros e do feminino nos romances abolicionistas de seu tempo. Mais que isso, é um texto que se volta ao falso pressuposto de unidade nacional das três bases que constituem a sociedade brasileira, ou seja, o negro, o índio e o branco.

Num segundo momento, ainda nesta perspectiva de resistência e superação de paradigmas e convenções socioculturais estereotipadas do negro e do feminino no Brasil, abordaremos alguns dos treze contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, obra que reúne narrativas sobre histórias de mulheres violentadas nos mais diversos aspectos, mas que se mostram insubmissas às pressões e cerceamentos masculinos que, desde o texto de Firmino, persistem na sociedade brasileira.

Assim, veremos como obras literárias de épocas diferentes e aparentemente antagônicas podem refletir sobre as mesmas temáticas, fornecendo dados importantes e significativos para os pesquisadores das relações entre os gêneros e das interfaces do Direito e Literatura, exaltando a relevância desses estudos e contextualizando-os no tempo e no espaço.

Vozes em diálogo: Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo

No Brasil do séc. XIX, o discurso social era marcado pelo modelo europeu de cultura hegemônica e patriarcal de sedimentação da sociedade em dois grandes grupos: os dominadores e dominados. Diante dessa estrutura de excludente, as mulheres e os negros da época viviam em condições reclusas, em sua maioria sem acesso à educação formal e à vida cultural e literária do país. Aqueles que conseguiam esse mérito, como Maria Firmina dos Reis (1859), acabavam por ter uma educação diferenciada, ainda que restrita pelo discurso dominante. Dentre as possibilidades da época, Maria Firmino atuou como professora primária, no Maranhão, seu estado natal, numa época de efervescência devido ao ciclo da borracha. É nesse contexto que a escritora escreve e publica sua obra, muito embora o tenha feito sobre o pseudônimo *Uma maranhense*. Tanto o contexto quanto os fatos apresentados no romance fazem com que *Úrsula* seja considerado o primeiro texto brasileiro de autoria feminina e mestiça. Nele, Reis consegue subverter e falsear a realidade brasileira do século XIX através do percurso de uma jovem também mestiça que vive dramas e amor entrelaçados a outras narrativas secundárias, mas não menos importantes. Com isso, a escritora põe em xeque as representações do negro, do feminino e do poder. Mais que isso, é pioneira na exposição e discussão desses casos.

Assim, o texto representa, sobretudo, uma contradição à hegemonia do Brasil, criando um mito que coloca o negro e a mulher como entidades históricas em um mesmo nível de igualdade social para com seus dominadores e repressores, remetendo-nos a uma preocupação com a superação do ponto de vista usual da época, dos estigmas raciais, da recuperação do patrimônio literário e da conscientização da ancestralidade africana na cultura brasileira. Trata-se, portanto, de uma versão da história oficial do próprio povo brasileiro através de novas narrativas e não só através de histórias de personagens literárias de viés europeizante, ou ainda, com base em interpretações convenientes de documentos.

Nesta obra, Reis encerra a história de uma jovem que vive, inicialmente, a cuidar de sua mãe paraplégica. Para tanto, conta com a companhia de seu fiel escravo-liberto, Túlio, em uma fazenda falida no nordeste do Maranhão e tem sua vida mudada após conhecer um jovem mancebo, branco, acidentado, chamado Tancredo.

Túlio representa uma crítica à realidade social da abolição no Brasil, em que a liberdade

não passou de uma ilusão, uma ãneo-escravidãoõ, traduzida na escravidão quase voluntária em busca da sobrevivência. Escravo recém-liberto, Túlio não tem para onde ir, tampouco como se manter após a abolição, perpetuando, assim, as relações de dependência e subalternidade com seus antigos patrões.

Tancredo, após sofrer um acidente a cavalo, é levado por Túlio, que o acode, para casa de Úrsula, para lá ser cuidado até convalescer. A convivência, no mais puro modelo romântico, faz com que os laços entre ambos se solidifiquem e resulte num amor impossível, visto que Úrsula é constantemente cortejada e ameaçada por Fernando P., seu tio, razão de uma série de eventos trágicos tão ao gosto do Romantismo.

Escravocrata e dominador, Fernando P. mantém uma fazenda e escravos e não hesita em mandar matar o jovem amante ao descobrir o plano de fuga. Para além disso, pesa sobre ele a suspeita de haver roubado e matado o pai de Úrsula, seu cunhado.

O romance se encerra com a morte de quase todas as personagens imbuídas pelos sentimentos de amor, dor, torpeza, ciúme e amarguras, em que cada um representa uma aversão a uma determinada convenção social. Ao final, o romance apresenta uma crítica às interferências religiosas sobre as questões de gênero e raça ao relatar que Úrsula se refugia num convento onde acaba falecendo metaforicamente de tristeza, sendo santificada pelo seu algoz, como forma de perdão e resgate.

Por sua vez, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) é uma recolha de narrativas orais feitas por Conceição Evaristo que as transliterou. Cada conto tem como título o nome ficcional de sua protagonista e o primeiro que abordaremos é a narrativa de Adelha Santana Limoeiro, uma personagem negra, vítima de associações preconceituosas do nome com sua raça, como podemos depreender do trecho a seguir:

E com a ilustração de santas e de santos, na grande maioria, brancas, para confirmar os meus achados de pertença, resolvi crer que Adelha Santana Limoeiro parecia com Santana (é assim que falávamos quando criança), quando a santa fosse negra. (EVARISTO, 2011, p.32).

Adelha é traída constantemente por seu marido, mas oprimida pelas circunstâncias assume a culpa por sua impotência e, num aparente senso de compaixão ignora suas aventuras com mulheres mais jovens. Ela o perdoa sob uma autojustificativa de

culpabilidade feminina, o que nos transmite as permanências cerceadoras ao gênero.

Ele passara mal em cima do corpo de uma jovem mulher (í) Eu sabia das andanças e das tentativas fracassadas dele. Há muito que ele vinha sofrendo por não ter mais o punho tão rígido. Só ali ele se sentia homem (EVARISTO, 2011, p. 35).

Adelha assemelha-se à mãe de Tancredo, personagens do romance *Úrsula*, no que diz respeito à opressão e submissão ao marido, transferindo para si as responsabilidades quanto à vida de amarguras e desgostos. No entanto, diferentemente de Adelha que sabia e chegou a presenciar a traição do marido, a mãe de Tancredo, morreu antes de passar pelo desgosto de ver o marido casar-se com uma mulher mais nova, a antiga noiva de seu filho.

Nesta primeira comparação narrativa, podemos perceber que, por vezes, a própria mulher assumi para si o discurso da sociedade patriarcal de seu tempo, endossando inconscientemente a ideologia e favorecendo a manutenção do sistema avesso a ela.

Outra narrativa que dialoga com *Úrsula* é a de Lia Gabriel, outra mulher que é agredida constantemente pelo marido diante de seus filhos, contando com a complacência de seu único filho homem, Máximo Gabriel, que, traumatizado pelas as circunstâncias, passa a querer matar o pai (EVARISTO, 2011, p. 80).

Nessa história há uma relação conflituosa entre pai e filho, como a da personagem Tancredo com o seu pai. Tancredo não tem relações amigáveis com seu pai devido aos maus tratos a sua mãe. O sentimento aumenta quando, ao retornar de uma viagem imposta por ele, logo após a morte de sua mãe, e o vê casado com sua noiva (FIRMINO, 1859, p. 66).

Noutro conto, temos a personagem *Regina Anastácia*, que se apresenta em descrição e narrativa das mais próximas à história de *Úrsula*, com alguns contrastes como veremos ao longo a seguir.

Úrsula retrata a violência contra mulheres e mortes de negros como histórias sobre as minorias com intuito de levar o leitor quase sempre a uma tensão durante seus desvelamentos; retrata também a passagem de tempo na natureza e a autonomia da personagem central sobre a teleologia do narrador como características que fazem desta obra uma nova forma romanesca e abolicionista de escrever. Com isso, desconstrói-se uma história literária etnocêntrica e masculina, até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. *Úrsula* não, portanto, é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que não é admitido por grande parte de seus estudiosos, mas é também o primeiro romance da literatura

afrobrasileira, entendida como produção de autoria afrodescendente que tematiza o assunto racial a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em discutir a condição dos negros no Brasil daquele século e suas ingerências na contemporaneidade, posto que a sua obra não se encerra numa perspectiva passadista, sem ecos no presente.

Diante de todo o desvendar, *Úrsula*, inaugura no Brasil do final do século XIX imagens que se perpetuam ao XXI, momento em que os silenciados, remanescentes de escravos e mulheres tomam em suas mãos o sonho de, através da literatura, construir um país mais igualitário que, de acordo com a perspectiva sempre transformadora do romance, acompanha dos diversos momentos de transição de nossa sociedade.

Obviamente, não há como dispensar a presença do narrador na narrativa. Em *Úrsula*, entretanto, muitas vezes vemos a personagem querer desvencilhar-se dele e, por outras, apropriar-se de sua voz enunciativa, numa tentativa de unir seus relatos e vivências a de demais personagens, como num reforço daquilo que se quer anunciar. O mesmo ocorre nos contos de Conceição Evaristo, em que ouvinte-narradora e contadora de histórias compartilham uma só vivência afetiva, partilhando, ambas, uma série de *descrevivências*, substantivo que Evaristo usa para descrever sua literatura.

Nessas narrativas percebemos as premissas de Maurice Halbwachs sobre as classes sociais a partir de uma análise da memória dos silenciados e sua proposta de ruptura da história, questionando-a com base numa realidade memorável por esses indivíduos e personagens sociais. Ainda segundo Halbwachs, a memória também passa a ter sentido a partir do contexto da história e, nessa perspectiva, o núcleo familiar é o primeiro grupo a influenciar a formação da memória individual que com a sociabilidade nos permite contribuir para a construção de uma memória social coletiva.

Esta, por sua vez, surge como um fator social que reforça os sentimentos de grupo e a mídia tem o papel de evidenciar a lembrança de um fato ou de escondê-lo. Halbwachs diz *que para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível* (2006, p. 49). Portanto, o relato dos fatos depende da ótica de quem conta.

Nessa perspectiva, Evaristo constrói uma versão da história a partir da visão de mulheres insubmissas e rememora sua vida e de seus antepassados ao ouvir contar, das narrativas.

Regina Anastácia, personagem do conto de número treze do livro de Evaristo (2011, p.

107-117) é emblemática até no nome, pois conjuga Regina, que significa rainha, com Anastácia uma personagem sofredora e mártir na história escravagista e abolicionista do Brasil. Talvez a escolha da autora, quanto ao pseudônimo de sua personagem tenha sido proposital de provocar um paradoxo entre a narrativa e a figura de Regina Anastácia.

A personagem, aos noventa e um anos de vida narra suas histórias, fazendo aflorar narrativas coletivas que configuram a memória social de uma época pouco posterior à libertação da escravatura, o que aproxima seu relato dos contidos no romance de Reis. Sua história rememora uma época em que a escravidão já não mais existia de forma politicamente instituída, mas de forma silenciada, pois seus contemporâneos, negros e pobres não conseguiam sobreviver libertos, sem trabalho, casa e alimentação, e por isso, acabavam mantidos nas fazendas ou em serviços domésticos em troca de condições mínimas de sobrevivência, o que nos revela uma forma escravagista de dominação ainda predominante naquela época.

A negra Regina, tal qual Úrsula, se apaixona por quem não deveria, nesse caso, Jorge D'Antanho, um rapaz pertencente a uma família latifundiária da linhagem do Duque D'Antanho família aristocrática presente no Brasil desde a colônia. O jovem se revolta contra sua família para viver seu amor. Juntos enfrentam todos os preconceitos e pressão de suas famílias, até a morte de Jorge, dando uma educação diferenciada aos cinco filhos que têm, muito embora, segundo Regina Anastácia, sua desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento (EVARISTO, 2011, p. 115). A união de uma afrodescendente com um branco perpetua, já no século XX, uma nova versão da negritude ao demonstrar a consciência e genuína preocupação com as próprias raízes africanas, fato que supera os limites da concepção do negro de alma branca quando um branco, efetivamente, se une a uma negra, fazendo surgir daí traços próprios de identidade e existência. Para Regina, seus filhos representam mais do que a descendência afrobrasileira, mas o início de um processo de desconstituição da história e dos estereótipos sociais da raça, como uma moral da sua história de vida.

O relato de Regina Anastácia perpetua, no presente, quase um centenário da história, fato que corrobora a história e a memória social do século XIX no Brasil, fazendo, com isso, reviver o contexto de *Úrsula*. Ao fim de sua narrativa, Regina Anastácia diz que apenas espera a morte e conclui seu relato com uma visão da escravidão à libertação, com os estigmas da história gravados no corpo e na memória.

Em *Úrsula*, a morte é tratada como castigo e/ou salvação das personagens, uma das características mais marcantes do Romantismo. Seja pela morte física ou como pela loucura, existe uma saída para aqueles que, de alguma maneira, não se adaptam às diretrizes de seu tempo. É isso que ocorre com Fernando P., o tio de Úrsula, que enlouquece não como uma forma de alcançar um bem maior, mas como alegoria de personagens sociais que não aceitam as inversões socioculturais trazidas pelos novos tempos.

Nessa perspectiva histórica, social e memorialista, tanto *Úrsula* quanto os contos de Evaristo, na contramão da trilha seguida por Fernando P., assumem grande relevância ao revelarem a Literatura como uma forma de afrodescendentes, sejam homens ou mulheres, assumirem uma posição discursiva eficiente, que dá conta daquilo que têm para contar ao longo de um romance ou de contos transliterados.

Tal fato nos remete, mais uma vez, a Walter Benjamin para quem os fatos e as narrativas podem ser longos ou curtos, pois não importa o tamanho desse relato. O que é relevante é a construção de uma história mais próxima de uma verdade que relativiza os múltiplos discursos de uma época de acordo com o ponto de vista do narrador e das personagens sociais. Assim, podemos afirmar que essas duas obras se colocam criticamente à discursividade de suas respectivas épocas e contextos sociais.

Assumem, semelhantemente, a dimensão utilitária proposta por Benjamin, através das diversas contestações sociais representadas nas personagens de Reis, como o preconceito, gratidão, vingança, amor incestuoso, etc. e que se encerram com a morte, como salvação e/ou punição a esses sentimentos.

Já as personagens evaristianas nos revelam procedimentos que subvertem os cerceamentos masculinos, perpetuando nos contos as transformações sofridas pelo romance para se adequar a um novo mundo em que a tecnocracia é uma alternativa de governo, a ciência controladora de todas as decisões e o vasto e rápido acesso à informação se acelera a decadência das narrativas.

No entanto, elas ainda trazem em seu bojo o aspecto formativo do *Bildungsroman* através de uma concepção estética dos novos tempos e da proposta falar de manter vivas narrativas ideológicas e atemporais.

O tempo que separa as duas escritoras não apresenta, no geral, grandes diferenças no que se refere a mudanças consideráveis no modo de encarar a mulher, o negro e mesmo o índio. O fato mais significativo talvez seja o fato de as diversas Áfricas se revelarem ao

homem ocidental a partir de uma visão da sua história que, todavia, embora respaldada em legislações específicas, ainda necessita evoluir. A noção de lugar, de propriedade e de uma discursividade que mostra um sujeito desejante de transformações tem sido um fator relevante no sentido de retirar essas narrativas da categoria individual para, ao oscilar entre o ãlocalö e o õglobalö, mostrar uma literatura de testemunho circundada por efeitos ideológicos e artísticos bem específicos.

Ao ser considerada obra de arte, a literatura afrodescendente leva adiante o pressuposto benjaminiano de que õna narrativa o leitor está em companhia do narrador e esperançoso com um final que não se encerra em si mesmoö (BENJAMIN,1994, p. 62).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p.34-43.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. (Coleção Vozes da Diáspora Negra- Vol.7). Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. (Tradução de Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.

REIS, Maria Firmino dos. *Úrsula*. Florianópolis: Editoras Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* (Tradução: Carlos Felipe Moisés). São Paulo: Ática. 3ª Edição, 2004.

Recebido em 2 de julho de 2013.

Aceito em 27 de julho de 2013.